

TEORIA DA RELATIVIDADE

29 de maio de 1919

O dia em que a CIÊNCIA MUDOU

100 anos passaram e a ilha do Príncipe nunca mais será esquecida. O dia 29 de maio de 1919, data de um eclipse total do Sol, viria a mudar a história da ciência. Arthur Eddington, um cientista inglês, entusiasta do trabalho de Einstein, quis provar que a Teoria da Relatividade Geral, descrita quatro anos antes, estava certa. A ideia era provar que a luz das estrelas se encurvava por causa da força da gravidade do Sol, dando a ideia que tinham uma posição diferente no céu.



Mas só seria possível fotografar a luz das estrelas se se apagasse a luz do eclipse. No Sobral, no Brasil, e na ilha do Príncipe seria possível ver o apagão total do astro rei, sendo que na pequena ilha no Golfo da Guiné se veria durante mais tempo, cinco minutos e dois segundos. Foi para lá que Eddington rumou numa expedição que teve participação portuguesa. Para além de São Tomé e Príncipe ser, na

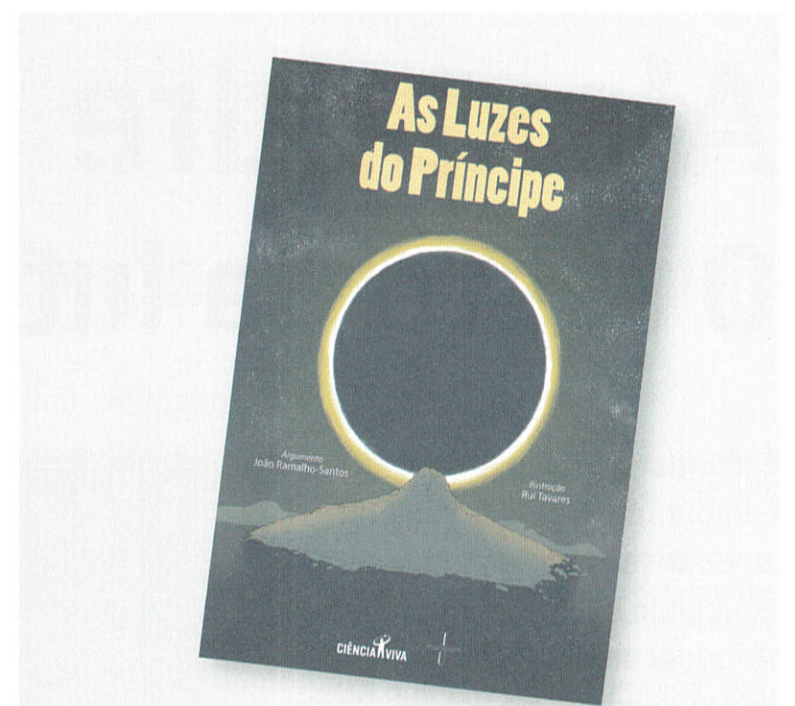
altura, território português, a Sociedade de Geografia de Lisboa e o Observatório Astronómico de Lisboa ajudaram a preparar a viagem e a dar detalhes logísticos como os pedidos de isenção de inspeções alfandegárias. Também o astrónomo português Manuel Peres esteve para fazer parte desta expedição mas acabou a não conseguir viajar até à ilha.

Mas esta expedição viria a ter uma repercussão incontornável, lançando no mundo o nome

de Einstein como um dos cientistas mais famosos da história.

100 anos depois a ilha esteve em festa com cientistas e governantes de mundo a cumprir um programa repleto de conferências e encontros que evidenciaram a importância desta ilha para a ciência mundial.

A Ciência Viva juntou-se a esta comemoração mais interventiva junto da população principense, numa verdadeira partilha do conhecimento. Além de ter



“AS LUZES DO PRÍNCIPE”

Este é o tema da banda desenhada especialmente elaborada para celebrar os 100 anos da comprovação da Teoria da Relatividade Geral de Einstein feita por Eddington na ilha do Príncipe. O autor do argumento, João Ramalho-Santos, não é físico, é biólogo e presidente do Centro de Neurociências e Biologia Celular da Universidade de Coimbra. Talvez por isso diga que “é mais fácil”, pois teve de simplificar até ao ponto de ele próprio perceber que a banda desenhada como meio de comunicar ciência, foi desta forma que explicou de uma maneira muito simples o que aconteceu no Príncipe há 100 anos.

O desafio partiu da Ciência Viva, local onde tudo aconteceu. E foi mesmo em Santo António, a capital do Príncipe, que foi lançada a banda desenhada. Pelas ruas da ilha, falou com os locais e deu vários exemplares da publicação a miúdos e graúdos. A aceitação foi imediata, havendo mesmo quem dissesse que depois de ler a obra tinha final-

mente percebido o que se passou realmente na ilha e a sua verdadeira importância para a ciência. O biólogo garante que este foi o livro “mais gratificante” que alguma vez escreveu. É que não só na roça Sundry, onde assistiu às comemorações, mas também nas escolas, nos mercados, no aeroporto, nas lojas, por todo o lado onde passou, e por onde distribuiu livros, as pessoas gostaram mesmo muito. Arnaldo Lavres, um dos muitos leitores que Ramalho-Santos ganhou no Príncipe, afirmou que gostou tanto da maneira como a história está descrita pelos quadrinhos da BD que vai guardá-la até os seus filhos bebés saberem ler, para assim lhes “explicar o que aconteceu na ilha onde nasceu”.

A publicação foi lançada e distribuída por São Tomé e Príncipe durante as comemorações dos 100 anos da expedição de Eddington, mas vai igualmente ser oferecida a escolas portuguesas e estará disponível nos Centros de Ciência Viva em diferentes pontos país. Será também feita uma distribuição no Ciência 2019.

levado a banda desenhada “As Luzes do Príncipe,” com argumento de João Ramalho-Santos e ilustrações de Rui Tavares, para distribuir pelos habitantes e estudantes que em Portugal e em São Tomé venceram um concurso de trabalhos, em forma de vídeo, sobre a expedição científica de Eddington – “O Peso da Luz”.

Estes alunos, da Escola Secundária Afonso de Albuquerque,

da Guarda, e da Escola Portuguesa de São Tomé, visitaram escolas do 1º ciclo locais, e andaram pelas ruas da ilha onde puderam contactar com outra realidade e oferecer material escolar que trouxeram de Portugal.

Uma experiência inesquecível para estes alunos, não só do ponto de vista humano, como formativo, já que todos frequentam áreas científicas nas respetivas escolas.